

O ESPÍRITO “QUARANTE-HUITARD” E A REVOLUÇÃO PRAIEIRA (*).

O tema por mim escolhido para falar-vos na noite de hoje relaciona-se com um episódio marcante da história pátria e intimamente ligado ao passado de Pernambuco e da Paraíba. Sim, porque foram êsses dois Estados, então províncias, que mais participaram da nossa revolução de 48. Foi neles que teve expansão a idéia revolucionária, desabrochada no primeiro, mas com forte repercussão no segundo. Aquela decantada “ardência natural dos pernambucanos” de que nos fala em seu célebre livro o padre Dias Martins (1), ou aquêla não menos decantado “maligno vapor pernambucano” a que alude o anônimo autor das **Revoluções do Brasil** (2) representaram, certamente, um poderoso fator para que o espírito **quarante-huitard** se projetasse, como se projetou, na aventura sangrenta da Praia. Mas essa “ardência” e êsse “maligno vapor” são, também, vossos. As aspirações libertárias, o legado martirológico, tudo isso que enriquece as páginas da História do Brasil, não nos pertence somente. E’ vosso. Faz parte do vosso patrimônio, como faz parte do nosso. Se em 17 e 24 comungastes conosco nos mesmos anseios liberais, outro tanto fizestes em 48. E não poderia ser de outro modo, pois sempre caminhamos na mesma senda, tingida de sangue, em defesa da Liberdade. E em relação à Revolução Praieira apresentais uma contribuição extraordinariamente valiosa, pois vosso foi um dos mais importantes e influentes líderes do movimento, aquêla que deu conteúdo ideológico à revolta, aquêla que imprimiu um sentido nitidamente **quarante-huitard** ao levantamento da Praia. Quero referir-me a Antônio Borges da Fonseca. Verdadeira vocação de líder, dotado de alto potencial revolucionário, dêle disse Nabuco julgar-se um Rieni brasileiro “investido de uma

(*) . — Conferência pronunciada em Campina Grande (Estado da Paraíba) no encerramento da semana de estudos brasileiros, organizada pelo Direção do Colégio Estadual da referida cidade (*Nota da Redação*).

(1) . — *Mártires Pernambucanos*, pág. 259.

(2) . — *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, n.º 29.

espécie de realza tribunícia” e ainda o autor de **Minha Formação** o vai colocar “na galeria dos nossos tribunos republicanos como o que mais distintamente possuiu a envergadura revolucionária” (3). Quando da defesa de Areia em poder dos praieiros, Maximiano Lopes Machado — outro paraibano ilustre que participou do movimento e dêle nos deixou dois documentos importantes, tais como, o **Quadro da Revolta Praieira na Província da Parahyba e o Esbôço Biográfico do Conselheiro Senador do Império Antônio Pinto Chichorro da Gama**, ambos publicados em Pernambuco, o primeiro em 1851 e o segundo, por sinal, quase ignorado dos intelectuais, em 1887 — acentuou as suas qualidades de chefe clarividente e ativo, mostrando como, enquanto outros se manitnam displicentes e ociosos, êle “tratava de prevenir, bem que tarde fôsse, alguma surprêsa desastrosa” (4).

Se a Revolução Praieira teve o seu foco de irradiação em Pernambuco — donde se expandiu, depois atingindo a vossa província — um dos seus mais destacados e atuantes condutores foi, sem nenhuma dúvida, ao lado de Nunes Machado e de Pedro Ivo, o paraibano Antônio Borges da Fonseca, o célebre e combativo “Repúblico”, como era então conhecido.

O assunto central de minha conferência que tão honrosamente collocastes como encerramento do vosso curso, é o da influência das idéias revolucionárias francesas no movimento da Praia. Da interferência do espírito **quarante-huitard** na preparação e no desenvolvimento da nossa revolta de 48. Daquilo que Armand Cuvillier classificou como “ideologias de 1840” (5). Podemos falar num espírito **quarante-huitard**, como poderíamos falar, em relação a nós brasileiros — não obstante as traições e as defecções — num espírito 45, lembrando tôda aquela lírica e cruenta campanha de redemocratização que culminou com o sacrifício inútil, inútil sim, é doloroso dizer, do estudante mártir que possuía qualquer coisa de um Péguy e de um Psichari e cujo nome era Demócrito de Souza Filho.

Representa a revolução de Fevereiro de 48 na França uma das mais altas expressões de idealismo e de generosidade. Poucas revoluções se apresentaram com um **panache** tão belo e tão grandioso como êsse movimento que agitou, posteriormente, tôda a Europa. **Printemps des peuples** foi a denominação consa-

(3). — *Um Estadista do Império*, tomo I, págs. 277 e 278.

(4). — *Quadro da Revolta Praieira na Província da Parahyba*, pág. 155.

(5). — Ver Armand Cuvillier, *Hommes et Ideologies de 1840*.

grada para representar a época em que se espraiou a maré libertária vinda de Paris. Disse muito bem Grégoire Gafenco:

“Il y avait, dans cette revolution de “48”, non seulement un grand élan liberteur; il y avait encore une puissante tendance à l’union; les hommes aspiraient à la liberté afin de former une nation, les nations affirmaient leur droit à l’indépendance afin de faire partie d’un ordre politique européen” (6).

Era “o ciclo da revolução conetmporânea” que se iniciava, como a classificou José Luiz Romero. Ou como Louis Menard a chamou: **prologue d’une revolution**. Mas se iniciava como uma manifestação altamente impregnada de amor ao próximo e de solidariedade humana. Talvez tenha tido razão Jean Auger Duvignaud quando disse: **Le XXe siècle commence en 48** (7). 48 é de fato um marco na história da humanidade, na sua história pela conquista da Liberdade. E o espírito que informou a sua existência representa um dos mais empolgantes momentos da consciência humana, tal como poderia de Zola dizer Anatole.

Não apresentaria 48 grandeza tão sublime não tivesse havido o espírito **quarante-huitard**. Esse dominou na gênese e no desenvolvimento da revolução de Fevereiro até que os **bien-pensants** provocaram o surgimento da repressão de Junho. E que vem a ser este espírito **quarante-huitard** de tão ampla ressonância na evolução das idéias libertárias? Define-o Henri Guillemin:

“Quarante-huit, c’est le premier effort à tâtons, balbutiant et gourd, du peuple vers la justice. Une réclamation candide et sans haine, à quoi les possédants répondent, dès qu’ils se sont repris, par un massacre” (8).

Por sua vez Duroselle caracteriza-o como tendo por princípio:

“La fraternité universelle, le désir de reformes et de sacrifices communs, le rapprochement des classes” (9).

Com mais precisão diz-nos Felix Ponteil:

“Le “quarante-huitard”, c’est l’homme qui declame dans les clubs, qui edifie la cité future, qui se fait tuer

(6). — *L’Esprit* de 1848, pág. 348.

(7). — *Europe*, numero especial, Centenaire de la revoution de 48, Février 1848, pág. 8.

(8). — *La Tragedie de Quarante-Huit*, pág. 386.

(9). — 1848, *Revolution Creatice*, pág. 192.

dans les barricades. Un rêveur et un homme d'action. Ou, si l'on préfère, un moment, dans la lignée des hommes genereux qui marquent d'un point lumineux la voie sombre et tragique de la destinée humaine” (10).

São o idealismo, a generosidade, o sentimento de solidariedade humana, o amor pela liberdade, os traços marcantes do **quarante-huitard**, daquele espírito a dominar na França com a revolução de Fevereiro, que, como verdadeira primavera dos povos, foi repercutir nos vários quadrantes do mundo, numa época, numa fase, em que os homens se achavam em crise (11). Porque como afirmou Jean Cassou **“48 dénonce la presence irrefutable de la misère”** (12). E essa triste e apavorante presença vai tornar-se constante aos olhos aturdidos e angustiados do mundo que daí surge. As preocupações e os problemas que impeliram os homens às barricadas em Fevereiro não mais eram resultantes de meras questões políticas, de simples mudanças de governantes. Agora um povo novo surgia, uma espécie nova, “a espécie operária”, como diria Victor Considerant. E essa espécie nova forçosamente começaria a pesar, daí em diante, na balança da vida dos povos, queiram ou não queiram os reacionários de vários matizes. A era das revoluções sociais surgia. E com ela toda a inquietação e toda a angústia para o mundo atormentado

“Tout le monde”, dizia o abade Maret, **“reconnait que la revolution de Février est plus sociale encore que politique”** (13).

E no **Correspondant** declarava Ozanam:

“Derrière la revolution politique nous voyons une revolution sociale; non voyons l'avènement de cette classe ouvrière qu'on ne connaissait pas assez” (14).

Admitir-se não seria possível a ausência do influxo do espírito **quarante-huitard**, da mentalidade quarenta e oito, na velha província pernambucana dos meados do século passado. Se a influência do pensamento francês é patente na nossa vida política e social, se ela se apresenta atuante em vários episódios de nossa história, como na obscura e pouco estudada, Conspiração dos Suassunas de 1801, onde se vislumbra, ao lado da participação das idéias de 89, a almejada ajuda de Napoleão Bo-

(10). — 1848, pág. 218.

(11). — Ver Arnold Whitridge, *Men in Crisis — The Revolutions of 1848*.

(12). — *Quarante-Huit*, pág. 36.

(13). — Abbé Bazin, *Vie de Mgr Maret*, I, 240.

(14). — Apud Henri Guillemin, *Histoire des Catholiques Français au XIVe Siècle*, pág. 136.

naparte, então primeiro cônsul, a espalhar republiquetas pela Europa e que seria o protetor da República a criar-se em Pernambuco, mais marcante se mostra essa influência na idealística revolução de 1817 e na Confederação do Equador, assim como talvez na agitação, de alto sentido igualitário, do Pedroso em 1823. Em todos os fatos políticos e ideológicos de nosso passado, sente-se a interferência das idéias francesas, interferência mais poderosa desde que a Revolução de 89 espalhou os seus princípios pelo mundo. E' de Nabuco a frase: "Tôdas as nossas revoluções foram, dir-se-ia, ondulações começadas em Paris" (15). E em Pernambuco — região onde circulou um jornal intitulado **Kossuth**, nome do herói nacional húngaro de 48, do **quarante-huitard** magiar, fato que, quando por mim narrado, causou ao escritor húngaro Paulo Ronai, profunda admiração, afirmando-me considerá-lo acontecimento único em todo o mundo — não poderia passar indiferente a ondulação da vaga oriunda da França. Em Pernambuco que, ainda no dizer de Nabuco, era "onde estava o botão de descarga da bateria revolucionária" (16). Escreveu, com fundadas razões, Oliveira Lima:

"Logo após a revolução francesa de Fevereiro, demolidora do trono de Luís Filipe e iniciadora por entre a tumultuosa vozeria política, das primeiras, confusas, em todo o caso vibrantes reclamações socialistas, estavam as reformas muito em moda, e podemos mesmo crer que semelhante movimento democrático, contemporâneo de motins em Berlim, Viena, Itália e outros pontos, não foi estranho à perturbação brasileira, da qual surgiu como expressão a revolta pernambucana" (17).

O país inteiro e não sòmente a província nordestina — percebeu a gravidade da revolução de Fevereiro e da sua provável ressonância entre nós. Como iríamos ficar indenes e imunes se a repercussão dos acontecimentos franceses fôra quase geral, afetando a própria estrutura do império dos Habsburgos, então sob a influência da mentalidade **ancien-regime** de Metternich?!... A onda vinda de Paris refletiu-se até no Danúbio, até nos Estados Unidos (18). Se o fermento se espalhara por tôda a parte e por tôda a parte se infiltrara...

(15). — *Um Estadista do Império*, tomo I, pág. 72.

(16). — *Idem*, *idem*, pág. 36.

(17). — *Pernambuco e seu Desenvolvimento Histórico*, pág. 312.

(18). — Sobre o assunto, ver *Le Printemps des Peuples*, ouvrage collectif dirigé par François Fejto — 2 tomos; vários autores, *L'Esprit de 1848*; Arnold Whitridge, *Men in Crisis. The Revolutions of 1848*.

Como repercutiu a notícia dos sucessos de Paris na Côrte e no govêrno imperial? Conta-se que “estava Pedro II no teatro quando soube haverem chegado jornais com a narrativa da revolução contra Luís Filipe. Mandou logo à casa de Otaviano buscar essas fôlhas e, recebidas elas, “um pouco alterado”, retirou-se para dentro do teatro e foi lê-las; dizem que agitado” (carta de 14 de abril de 1848 de Otaviano a Arêas)” (19). Esperava o monarca, e com êle os elementos influentes no govêrno, que medidas liberais e sobretudo a subida do gabinete chefiado por Paula Souza, por Nabuco considerado “o liberal mais sincero e mais puro da nossa políitca”, atenuaria os seus efeitos (20). Grande se apresentava o receio do reflexo da revolução de Fevereiro. Diz-nos Pereira da Silva:

“Impressionaram-se tanto o govêrno como os povos com noticias de França. Uma revolução rebentara em Fevereiro de 1848. Destronara-se Luís Filipe, que se asilara em Inglaterra. Aboliram-se as instituições monárquicas e proclamara-se o regime republicano. Não faltaram sustos de que outras nações da Europa imitassem-lhe o procedimento. Mais que nunca era preciso que o Brasil se precatasse contra o contágio das doutrinas revolucionárias de França” (21).

E como Nabuco também nos afirma: “A proclamação da república em França havia agitado o nosso mundo político em suas profundezas” (22). Mas Paula Souza, não obstante as suas qualidades morais e intelectuais, não era o homem para o momento, o homem que poderia ter realizado, aproveitando o ambiente de temor propiciamente estabelecido, as reformas, pelo menos parciais, que a nação exigia. Doente e abatido pelos insucessos e pela incompreensão de seus companheiros, bem simbolizado ficou na imagem, por êle retratado, do “índio que não podendo mais lutar contra a corrente largava o remo e cruzava os braços”. Era a incarnação viva da apatia e do desânimo numa ocasião que exigia em lugar de um abatido pelo mais completo pessimismo, quanto às suas possibilidades, um homem imbuído da mais ampla e segura confiança em si e nas suas decisões. “O presidente do conselho não era feito para dominar a situação” declarou Nabuco com aquela acuidade e aquêl conhecimento que tão profundamente tinha dos homens e das coisas. Essa tendência, que se vai sentir imperando nos homens

(19). — Wanderley Pinho, *Cotegipe e seu Tempo*, pág. 140.

(20). — *Ob. cit.*, tomo I, pág. 67.

(21). — *Memórias do meu tempo*, tomo primeiro, pág. 165.

(22). — *Idem, idem*, pág. 67.

públicos da época de aceitação de medidas liberais que amortecessem o choque vindo de Paris, perdura e domina nos círculos políticos imperiais até que, com a vitória da reação na França e na Europa, depois da revolta de Junho e da repressão de Cavaignac, reanimaram-se os elementos **bien-pensants** nacionais, os conservadores e os grandes proprietários de terras. A aristocracia rural, que permanecia dominando politicamente, criou novo alento. Era que, como sentiu Nabuco “o efeito da Revolução de Fevereiro em França estava gasto” (23). A Paula Souza não passara despercebido o alcance do movimento francês e das probabilidades de sua repercussão em nosso meio. Eis como o grande político liberal falou em sessão de 23-6-48 com palavras que muito devem ter ecoado nos ouvidos de seus pares:

“Não devia o orador temer que houvesse entre nós alguma repercussão dos movimentos da Europa, quando até a houve na velha Inglaterra? Todos sabem como está aquêlê país: êsse país modêlo, onde reina o bom senso e a liberdade, tem sofrido, e ninguém sabe o que sofrerá, ao menos pelo lado da Irlanda. Pede que se note que a posição atual da Europa tem dois caracteres — político e social —; e não poderemos nós temer a repercussão com um caráter social? Êstes boatos, que há dias aparecem no Brasil, não devem despertar nossos receios?” (24). Na mesma sessão afirma: “Não é de hoje, não é mesmo de poucos anos, que julga o estado do país lamentável; sempre pensou dêste modo; porém, depois dos movimentos desordenados da Europa, acha ainda mais doloroso êste estado. Dizem os que combatem esta opinião que não há motivos para receiar; mas S. Excia. nota que aquêles mesmos que isto dizem pintam frequentemente o país em um estado horroroso, e vivendo sob um regime violento e anormal. Logo em que discrepam do orador? Será por que entendem que o orador, por estar no govêrno, não devia dizer o que pensa do país? Mas entende que um dos primeiros deveres do govêrno é ser franco para com o país (apoiados), muito mais em épocas tristes... E se considerava doloroso há mais tempo o estado do país, como não considerá-lo assim na atualidade, depois dos fatos estrondosos e lamentáveis ocorridos na Europa? Não poderá temer que tenham alguma repercussão no nosso país? E não lhe incumbe, na qualidade de membro do govêrno, dar passos que previnam esta repercussão?”

(23). — *Ob. cit.*, tomo I, pág. 72.

(24). — *Anais do Parlamento Imperial* — Câmara dos Srs. Deputados — Ano de 1848, tomo I, pág. 270.

Em sessão de 7 de junho de 1848, com profundeza de verdadeiro analista social, de exegeta sociológico de uma situação, de intérprete de um momento histórico, adverte-nos:

“Nós estamos no século industrial, em que o dinheiro é a primeira potência. Todos sabem que a revolução de França tem mais pronunciadas feições de uma revolução industrial do que uma revolução política, ao menos é a minha convicção. E' crível que os proletários de Paris se quisessem insurgir para que fôsem eleitores tais e tais pessoas? Insurgiram-se porque tinham fome, e as condições sociais não lhes oferecia meio pronto de garantí-los dêste mal; insurgiram-se porque o govêrno estava com a nota de corrupto, e não dava satisfação às suas necessidades mais enêrgicamente anunciadas” (25).

Com senso de sociólogo quase profético, já confessara em sessão de 2 de junho de 48:

“Eu creio que o país não está em leito de rosas, e além dos males internos de longo tempo acumulados, nós devemos necessariamente de temer a repercussão dos sucessos da Europa (apoiados)... Se houve entre nós o que Deus não perdoita, a repercussão dos acontecimentos da Europa, nós temos mais que perder do que êsses países; sofreremos muito mais que êles, porque na nossa organização social os elementos são diversos, e temos elementos mais perigosos que os que existem na Europa (apoiados)” (26).

Justiniano José da Rocha, deputado mineiro que se foi tornar tão conhecido nos fastos imperiais pelo seu opúsculo **Ação, Reação, Transação**, alude, em sessão de 24 de janeiro de 1850, à atividade da Praia em Pernambuco e como sofreu ela o influxo da mentalidade 48:

“Eis que chegam as funestas notícias da Europa: a febre revolucionária dos nossos dominadores estremece com os uivos revolucionários da Europa. E' da Europa que lhes vem, com o imitamento, a lição, é de lá que se lhes diz o que devem querer; na Europa fazem-se constituintes, êles também querem constituinte; êles que até então nem com ela sonhavam. Na Europa grita-se pela organização do trabalho e prega-se o comunismo; aqui êsse grito é correspondido pelo seu análogo — guerra aos portugueses — e logo aí surge a famosa questão do comércio de retalho. Recebendo assim a bandeira da re-

(25). — *Anais do Parlamento Imperial* — Sessão de 1848, tomo I, pág. 198.

(26). — *Anais do Parlamento Imperial* — idem, pág. 170.

volução da Europa, principiam êles a armar o país para a sua revolta... Se o movimento revolucionário que aqui se apresentou, se a invocação a tôdas as paixões brutais de que fala o sr. Alves Branco no seu relatório, se todos êsses apelos não foram senão a repercussão dos movimentos da Europa, se aqui os nossos revolucionários-mirins esperaram que na Europa se fizessem constituintes para aqui sentirem a necessidade de uma constituinte, se porque na Europa se falava em direito ao trabalho, também no Brasil já iam falando em direito ao trabalho, cumpre que a repercussão dos acontecimentos atuais da Europa seja também aqui sentida em prol da consolidação da ordem” (27).

Manuel Vieira Tosta, o nosso Cavaignac, disse em sessão de 26 de janeiro de 1850, precisando as causas da Praieira:

“Então, senhores, os acontecimentos da Europa em 48 se achavam recentes; ainda não havia esperança de que a paz pública se restabelecesse naquele continente, quando êsse nobre senador, de quem tenho a honra de falar (refere-se a Paula Souza) prognosticava que os inimigos da monarquia haviam de cobrir de eclipse o Brasil, e que isto era inevitável. E pois, dada uma semelhante idéia do estado do país naquela época, haverá por ventura mais necessidade de provar-se que a revolta de Pernambuco foi uma consequência natural do estado em que se achava o mesmo país? Será necessário dizer ainda uma vez que não foi nem o gabinete atual nem nenhum dos ex-presidentes de Pernambuco quem provocou aquêles desgraçados acontecimentos? Parece-me que não” (28).

Respondendo a Souza Franco que protestara não ser a minoria ouvida na vida política brasileira, assevera Sayão Lobato, em sessão de 28 de janeiro de 1850, ser isso consequência do descrédito em que se encontrava:

“Descrédito... pelas idéias as mais subversivas que espalhou na população (**numerosos apoiados**), pelo brado de constituinte (**apoiados**), pela repercussão dos desastres e estragos da Europa com que nos ameaçou e de fato procurou reproduzir no país”.

André Bastos, deputado pela província do Ceará, já revelara em sessão de 25 de janeiro de 1850:

(27). — *Anais do Parlamento Imperial* — Sessão de 1849, tomo I, págs. 291 e 294.
(28). — *Anais do Parlamento Imperial* — Sessão de 1849 — tomo I, pág. 322.

“Nós poderíamos ter tirado grandes vantagens com os movimentos da Europa em 1848, emigrando muitas inteligências, capitais e braços úteis para a nossa terra, se não fôssem os espancamentos contra os estrangeiros em Pernambuco, e mesmo nesta côrte. Era essa a ocasião mais asada para o país obter muitos melhoramentos com essas aquisições; porém foi nesse tempo desgraçadamente o partido constituinte exaltado com as notícias políticas da Europa, quase tôda em revolução, propagou doutrinas contrárias ao estabelecimento dos estrangeiros no império, levando o negócio a vias de fato, e assim ainda concorreu para afugentar muitos capitais já existentes no país, que irão frutificar em solo estranho”.

Essa tendência de xenofobia que observamos no Pernambuco de 48, de hostilidade ao estrangeiro, e sobretudo ao português, não é estranha, não obstante a generosidade e a solidariedade humana que o caracterizam, ao espírito **quarante-huitard**. Assim é que André Becheyras nos declara:

“Sans doute il a offert à tous les peuples opprimés de bruyants amitiés; mais en même temps il entendait chasser de France les étrangers qui venaient y chercher du travail. Ce nationalisme économique s'est parfois porté fort loin. A Lyon, les prolétaires jetaient à l'eau les Savoyards et exigeaient l'expulsion non seulement des Piemontais, mais aussi des Auvergnats” (29).

Nunes Machado, figura empolgante de líder popular, aquê-
le que talvez tenha sido, na afirmativa do autor de **Minha Formação**, o político que maior soma de popularidade já gozou em Pernambuco, impetuoso, combativo e generoso, perfeito tipo de chefe, de guia, de condutor de homens, incarnando como poucos, o verdadeiro espírito **quarante-huitard**, pretendendo, como revela Nabuco, “repartir o solo pernambucano pelo maior número de famílias” (30), capaz, segundo o marquês de Paraná, de tôdas as coragens, menos a de resistir aos amigos, em discurso pronunciado na sessão de 28 de junho de 1948, declara:

“De tôdas as partes se ouvem clamores... O governo que melhor pode conhecer as causas e avaliá-las, entende que o remédio ao mal está em se melhorar os defeitos da nossa organização política por meio da reforma e da adoção de algumas leis. O orador não nega que essas leis, que essas reformas sejam um bem real para o país, e tanto que está disposto a concorrer com o seu vo-

(29). — *L'Esprit de 1848*, pág. 76.

(30). — Joaquim Nabuco, Discurso publicado em *A Província de 2-2-1898*.

to para que neste sentido alguma coisa se faça, mas acha que essas medidas por si só são insuficientes (**apoiados**), e mesmo as considera fora da atualidade. Entende que são precisas outras medidas que satisfaçam interesses de outra ordem, interesses que, comprometidos como se acham gravemente no país, tendem a erguer-se de uma maneira extraordinária, a gritar de uma maneira atrojadora. São necessárias medidas que atendam à situação do país, que acabem com essa anomalia terrível de serem os brasileiros verdadeiros estrangeiros, hóspedes em seu próprio país (**apoiados**).

O que vale à Inglaterra a sua legislatura modêlo, se ali está a Irlanda como um espectro, ameaçando a sua integridade? O que valeu à França a sua ótima legislação, se uma grande porção de franceses morria de fome por falta de ocupação? O que pode pois valer ao Brasil que a punição dos crimes pertença antes aos juizes inamovíveis do que aos delegados e subdelegados; o que importa que um presidente de provincia, um comandante de armas, um inspetor de tesouraria, um juiz de direito, deixem de ser eleitos deputados, se por ventura continuar o país a estar sem garantia de meios certos de subsistência?

Não disse o nobre presidente do conselho que os fatos da Europa o tinham atordoado, que S. Excia. os considerava menos políticos que sociais, que temia a sua repercussão? Pergunto eu (diz o orador) pois em que corda do nosso coração êsses fatos acharão eco, poderão repercutir? Não será nesta circunstância lamentável em que se acha o país, quando faltam ao cidadão brasileiro todos os meios de ocupação? Então como não procura o govêrno atalhar as consequências dêste mal? Por que não apresenta medidas que marchem passo a passo com os da organização política?"

Numa admirável compreensão das falhas e das deficiências do liberalismo econômico, que se apresentava como forma victoriosa e intocável em seu tempo, projeta-se o tribuno pernambucano como um precursor das modernas tendências de economia dirigida:

"A igualdade não está em proteger a todos igualmente e do mesmo modo; a igualdade está em proteger cada um conforme as suas circunstâncias. Muitas vêzes é igualdade proteger a um com dez e a outro com cem".

Em sessão de 18 de setembro de 1848, nas vésperas da Praiaira, é mais explícito ainda:

"Senhores, assim como sucedia com os costumes da meia idade, em que o espírito guerreiro absorvia pensa-

mentos dos povos, o Brasil também infelizmente tem tido sua mania; a política nos tem absorvido tôdas as nossas idéias, todos os nossos pensamentos e cuidados, vivemos de política, respiramos política, tudo é política entre nós (**apoiados**). Com muito boas razões tratamos de plantar no nosso país as mais belas instituições liberais, e não ficamos nisso; brigamos todos os dias para melhorá-las, de modo que ainda reina a mania, o espírito de reforma política ainda não achou paradeiro, não está satisfeito (**apoiados, muito bem**). Entretanto a base principal, a condição *sine qua non* dos bons resultados, da proficuidade de tôdas essas instituições políticas tem ficado em esquecimento; quero falar da indústria que na opinião de um ilustre escritor é a poesia da natureza, é a fonte da vida de tôdas as nações. E' a indústria que excita todos os sentimentos nobres, tôdas as paixões grandes; é ela quem cria o desejo de viver bem... O Brasil é só político, não é mais nada; quando, senhores, o sistema industrial contém em si todos os sistemas políticos... Senhores não nos iludamos, não cerremos de propósito os olhos à verdade; a liberdade do comércio não pode nunca ser confundida com a igualdade; uma concorrência absoluta é um absurdo. Ela pressupõe em todos os homens a mesma faculdade, os mesmos meios de desenvolver-se e usar dos próprios recursos, o que é contrário à natureza das coisas. Por consequência o sistema de uma concorrência absoluta equívale a estabelecer-se um monopólio em favor daqueles que são mais fortes, que se acham mais adianados. E' o mesmo que autorizar a luta do poderoso contra o fraco, escravizá-lo, o que é uma grande injustiça, porque é o fraco que precisa de proteção, e que por meio de restrições benéficas se o compense das desigualdades de sua posição natural".

Pareciam soar-lhe aos ouvidos aquelas candentes palavras de Lacordaire:

"Entre le fort et le faible, c'est la liberté qui opprime et c'est la loi qui affranchit".

Era aquêl mesmo Nunes Machado, impetuoso, ardente e combativo, mas cheio de generosidade e de idealismo, como a alma de sua terra, de nossa terra nordestina, que, em sessão de 22 de maio de 1848, confessava, em aparte ao discurso de Carlos Melo: "Vamos até mais adiante nos princípios liberais" o que eprovocou a seguinte resposta do deputado mineiro Tristão Antônio de Alvarenga: "Mais adiante! E' muito". E que em sessão de 29 de julho de 1848 bradava advogar a

"causa daqueles que nada têm que dar, advoga a causa dos infelizes brasileiros que vivem acabrunhados de-

baixo do péso da miséria e da fome (**apoiados**), enquanto que aquêles que sustentam a causa contrária defendem os interesses das classes privilegiadas, cujos interesses os projetos atacam”.

Embora não favorável a que fôsse deflagrada a revolta, aceitou-a logo que chegou ao Recife e, segundo nos afirma Borges da Fonseca, aderiu, integralmente, aos seus princípios **quarante-huitards**. Eis o que nos diz o **Repúblico** em seu jornal **A Revolução de Novembro**, n.º 23 de 20-9-1852:

“Vós sabeis que o imortal Nunes Machado compreendeu e quis a revolução como eu a compreendo e quero, e portanto êsse nome hoje é meu, e vós o profanais, e vós o conspirais”.

No n.º 40 de 20-10-1852 do mesmo jornal reafirma:

“E concluirei êste artigo com o seguinte juízo do sr. dr. Neto (31), o qual não exigirá de mim **documentos** ou **testemunhas**. Eis suas próprias palavras a mim referidas: “O Nunes Machado compreendeu e quis a revolução como você compreende e quer”.

A visão segura que o político goianense possuía do real estado do país, com o inevitável reflexo aqui do movimento de Fevereiro e da necessidade de reformas substanciais, reaparece em discurso de 29 de julho de 1848:

“Êste ano depois dos acontecimentos da França, desde que, não uma pessoa qualquer, mas uma pessoa qualificadá, o sr. presidente do conselho na câmara, com a penetração que lhe é própria, declarou que temia a repercussão dos acontecimentos da Europa, o orador intimamente convencido de que essa repercussão se podia dar pelo estado excepcional do país que infelizmente em muitos pontos é análogo ao estado da Europa, entendeu que era chegada a ocasião de poder oferecer os seus projetos”.

Projetos, por sinal, impregnados do mais amplo e completo sentido nacionalista, nacionalismo que, pelo seu conteúdo social, se aproxima das modernas tendências esquerdistas dos nacionalismos coloniais dos nossos dias. E’ curioso observar-se como o pensamento jacobino e avançado de Nunes Machado se identifica quase com o da **Voz do Brasil**, jornal ultra-radical e de orientação xenófoba. Angelo Muniz da Silva Ferraz, depu-

(31). — Refere-se ao dr. Filipe Lopes Neto.

tado pela Bahia, sentiu bem essa aproximação. Em discurso, na sessão de 28-6-1848, denunciou o fato:

“Neste momento acaba o orador de ler uma fôlha de Pernambuco em que vem um projeto baseado nos princípios mais subversivos da felicidade do país. Recomenda aos srs. deputados a leitura desse projeto aparecido em uma célebre **Voz do Brasil** de 19 de junho dêste ano. As idéias que o sr. Nunes Machado tem aqui apresentado estão aí consignadas de um modo muito exagerado”.

Que os receios e os sobressaltos quanto ao movimento francês não eram vãos está no fato da explosão do “mata-mata, marinheiro” de junho de 1848, prenúncio evidente da maré revolucionária que se avizinhava, já tendo atingido a Europa e que também nos iria alcançar em novembro. Em sessão da Câmara dos Deputados de 14 de julho de 1848 o deputado baiano Magalhães Tacques informou em discurso:

“Na época em que surge a ameaça de uma subversão geral na política do mundo... houve em Pernambuco uma tal ou qual repercussão; aquilo que receava o nobre presidente do conselho realizou-se bem que frouxamente em Pernambuco; ali houve a única desordem social que no país tem aparecido. Levantou-se a população contra o estrangeiro, pediu a reforma do estado social, disse que o povo de Pernambuco não tinha que comer”.

E mais adiante, acrescenta episódios denunciadores da inquietação reinante há tempo em Pernambuco e que o exemplo da França iria agravar e levar ao incêndio:

“Não se pode desconhecer que há muito tempo que a população se tem exaltado muito, e disto tem dado demonstrações, fêz-se a representação dos artistas, dos obreiros, pedindo à Assembléia melhorasse a sua condição. Cita alguns fatos para mostrar o estado em que se achava a população de Pernambuco em 1845”.

Essa representação dos artistas de 1845, verdadeiro manifesto subversivo, é um documento muito expressivo do estado de desajustamento da Província. Como também é expressivo o seguinte ofício do Barão da Boa-Vista ao marquês de Paranaçuá em data de 22-7-1842, existente no Arquivo do Estado de Pernambuco:

“Illmo. e Exmo. Sr. — Tenho a honra de apresentar a V. Excia., os inclusos orçamento, memoria e descrição de um caes projetado no fundeadouro desta Cidade, e

que faz parte do plano geral de melhoramento do porto, que cada vez mais exige promptas providencias, conforme o parecer dos Engenheiros desta Província. E' portanto esta uma obra de primeira necessidade, que pode ter ainda um fim não menos util e vantajoso. Sabe V. Excia. perfeitamente quanto hé facil espalhar e vigorar na classe proletaria as ideias demagogicas, que por infelicidade desta Província hoje muito se procura propalar, mas esta influencia hé muito pouco poderosa sobre essa classe quando ella se acha occupada, e tem por consequencia meios de subsistencia. Hé por tanto u'meio seguro de a desviar dessas inclinações o empregal-a, e nada melhor para obter esse resultado de que uma obra publica em grande ponto, e a de que se trata estando no caso, tem demais as circumstancias da vantagem e necessidade. Espero p. tanto que V. Excia. levará todas essas considerações ao alto conhecimento de S. M. Imperial, e que o mesmo Augusto Senr. Dignando-se approval-as Haverá por bem mandar que a referida obra se execute, marcando-me V. Excia. para ella os fundos necessarios".

"A revolução da França tem de insendiar o Brasil, e Pernambuco que fora sempre abrazado no amor da patria, não podia ficar indifferente",

escrevia em seu jornal — um dos seus inúmeros jornais, pois a sua fertilidade jornalística foi imensa — **O Tribuno**, de 29 de abril de 1848, Borges da Fonseca. Palavras quase proféticas, que brevemente iriam, em parte, concretizar-se.

A par de motivos econômicos resultantes de sério desajustamento existente, desajustamento êsse provindo da má organização social da província, onde no interior dominava uma aristocracia rural que monopolizava a terra e na capital a atividade mercantil estava entregue nas mãos dos portuguezes que excluiam tôda e qualquer possibilidade de ingresso dos jovens pernambucanos nesse setor, criando, por consequência, um clima favorável a agitações de aspecto social, uma elite intelectual, imbuída de princípios socialistas, bebidos no chamado socialismo utópico ou romântico do século passado, atuava na imprensa ou em discursos em comícios. Foi por isso que Pereira da Silva afirmou:

"A população miúda excitada com idéias subversivas proclamava-se inimiga figadal dos portuguezes, e das familias opulentas e importantes dos Cavalcanti, Souza Leão e Rêgo Barros, cujas riquezas e preponderâncias suscitavam as invejas e rancores das classes ínfimas, desfavorecidas da fortuna. Costa Pinto, que o antecedente

Gabinete nomeara, pedira com instâncias repetidas sua exoneração, por não poder governar livre e justiceiramente” (32).

A atuação exercida pelo engenheiro Louis Vauthier, contratado pelo Barão da Boa-Vista para realização de várias obras públicas, foi de considerável amplitude no âmbito intelectual no sentido de criar-se uma mentalidade **quarante-huitard** (33). Socialista quase-científico — a classificação é do Sr. Gilberto Freyre — encarregou-se de propagar revistas e livros dos grandes teóricos do socialismo vigente na época. As idéias de construções de falanstérios e de “Novas Icárias” eram familiares aos nossos escritores que, na longínqua província, estavam bem informados de tudo o que se passava no mundo no capítulo de reformas sociais. E’ vasta a relação de assinaturas de periódicos e revistas, orientadas por tendências saint-simonianas e fourieristas, feitas por pernambucanos de projeção, graças à interferência de Vauthier. E um dos seus melhores amigos ia ser um dos mais lídimos representantes do espírito 48 nos meados do século passado aqui na Província: Antônio Pedro de Figueiredo, o “Cousin Fusco”. Lendo-se as páginas de sua revista **O Progresso** tem-se a impressão perfeita de um espírito voltado para as mais altas conquistas ideológicas de seu tempo dentro do critério socialista, sem nunca perder de vista a realidade do meio pernambucano. Suas são essas palavras incisivas:

“êles (os revolucionários de fevereiro) fizeram reconhecer que a sociedade devia ao individuo uma indenização dos direitos naturais, cujo uso ela lhe veda, uma indenização da sua herança confiscada; e como primeiro passo nesta estrada fecunda, o estado reconheceu o direito que todo o homem tem de viver do seu trabalho... O mundo não será para sempre o patrimônio de alguns privilegiados; ao passo que a imensa maioria se estorce sob as angústias da miséria”.

E’ completa a sua identificação com o espírito **quarante-huitard**:

“o que pretendiam os revolucionários de junho; o que nós também pretendemos é que o govêrno, como representante da sociedade inteira, intervenha nos fenômenos da produção, distribuição e consumo, para regulá-los e substituir pouco a pouco uma ordem fraternal ao desgraçado estado de guerra que ora reina nestas im-

(32). — *Memórias do meu tempo*, tomo I, pág. 185.

(33). — Ver Gilberto Freyre, *Um Engenheiro Francês no Brasil*.

portantes manifestações da atividade humana: os nossos votos não de ser realizados”.

Estava percebendo claramente que o drama desenrolado nas ruas de Paris, em junho de 48, nada mais era que o choque entre dois mundos, ou como afirmou Pierre Dominique: **Deux mondes face à face** (34). Êste homem de gabinete — sem ser um bendaniano, sem ser uma “tôrre de marfim” não era todavia um homem de ação, como Antônio Borges da Fonseca — foi um dos maiores senão o maior revolucionário intelectual que já tivemos. Teve sempre como lema a frase de Chateaubriand publicada na **Revue Européenne** e que o mulato pernambucano reproduziu nas páginas de **O Progresso**:

“Un temps viendra où l'on ne concevra pas qu'il fut un ordre social dans lequel un homme comptait un million de revenu tandis qu'un autre homme n'avait pas de quoi payer son diner” (35).

Não se argumente que sofreu ataques da Praia, que era hostilizado pelos praieiros. A sua amizade com o barão da Boa Vista, amizade pessoal, — não a solidariedade política, pois continuava a afirmar sua fé socialista e republicana — explica êsses ataques e essa hostilidade. Mas ninguém como êle compreendeu melhor o caráter popular da ala avançada da Praia, não da ala **bien-pensant** que, nela, também existia, que não quis a revolução e envolveu-se, a contra-gôsto, na luta, forçada pela “indócil massa popular que alicerçava o partido” (36). Em um discurso publicado em **O Lidador** de 16 de agosto de 1847 frisa:

“Excitaram-se ódios antigos contra os estrangeiros e viu-se com admiração os chefes do partido praieiro provocarem as classes operárias a endereçarem ao poder moderador uma representação”.

As suas idéias vão despontar no deflagar do movimento instintivo de 7 de novembro — explosão não desejada pelos chefes moderados da Praia — e manifestar-se-ão como elemento doutrinário a informar a revolta. Fenômeno êsse, talvez, conseqüente à circunstância de ter sido êle um intérprete, e o mais abalizado, do pensamento **quarante-huitard**. Era, certamente, uma resultante da identificação de ideais revolucionários. Daí,

(34). — Pierre Dominique, *Les Journées de Quarante-Huit*, pág. 173.

(35). — Apud Henri Guillemín, *Histoire des Catholiques Français au XIXe Siècle*, pág. 110.

(36). — Alfredo de Carvalho, *Anais da Imprensa Periódica Pernambucana*, pág. 174.

pois, o fato de justificar o “Cousin Fusco”, com tanta isenção de ânimo, a justeza de inúmeras reivindicações populares da Praia. A sua notável revista **O Progresso** foi o mais importante veículo para a compreensão do desenvolvimento da idéia socialista nas várias partes da terra e para propaganda de suas concepções doutrinárias. A discussão que, na imprensa recifense, manteve A. P. de Figueiredo com Autran sôbre a caracterização do socialismo, é bem significativa do estado de espírito reinante na província nordestina, propensa, pelo seu “maligno vapor”, às manifestações revolucionárias e libertárias. Se o “Cousin Fusco” era o homem da ação doutrinária no gabinete, o “Repúblico” era o homem dos comícios turbulentos e das barricadas. Parece que para êle tinha sido forjado o lema nitzscheano de “viver perigosamente”. Lembra, pela sua atividade de lutador e de intelectual, qualquer coisa, guardadas as proporções, de um André Malraux.

Figueira de Melo acusa-o de ser

“enfarinhado nas doutrinas inexequíveis de escritores demagógicos, desde Rousseau até Cabet, que tinha por oráculos; pertinaz sôbre modo em sustentá-las pela imprensa, e pela palavra entre as classes baixas da Sociedade, únicas que por sua ignorância podiam recebê-las sem contradição, e a quem falava sempre em estilo rasteiro e apaixonado ao mesmo tempo; tendo extraordinária obstinação em seus planos de proclamar o govêrno Republicano, a qual parecia aumentar-se pelos trabalhos, que tinha sofrido, desde que entrara na carreira política” (37).

O “Manifesto ao Mundo” de 1 de janeiro de 1849, verdadeiro manifesto da revolução, foi obra sua. E é nesse documento, “a expressão fiel das idéias da rebelião”, conforme as palavras do Dr. Francisco Xavier Paes Barreto, promotor público, no juri de 17-8-1849 que julgou os acusados da revolta, que encontramos claramente a presença do espírito **quarante-huitard** no movimento praieiro. O “direito ao trabalho”, conquista socialista de 48 lá se acha consignado com tôda a pujança. Êsse “direito ao trabalho” que agitou o govêrno provisório francês e provocou, juntamente com as “fábricas nacionais” de Louis Blanc, os dias sangrentos de Junho.

Sôbre a importância do “Manifesto ao Mundo” disse a **União** de 1-9-1849:

(37). — *Crônica da Rebelião Praieira*, pág. 394.

“As idéias contidas no manifesto ao mundo são as verdadeiras idéias da revolta, pois que são as idéias dos seus principais chefes, daqueles que mais se distinguiram na luta, e que foram os últimos a largar as armas... e bem assim o interrogatório do acusado Borges da Fonseca, o qual com a sua costumada franqueza sustenta tudo quanto disse no manifesto, asseverando que as suas idéias eram aprovadas por todos os chefes com que esteve”.

E’ o caso de perguntar-se, em face do rumo popular da revolução e em face do ingresso e da interferência marcante que nela tiveram Borges e a sua ala, que agiram como verdadeiro “grupo de pressão”, em face ainda do moderantismo e mesmo reacionarismo de alguns líderes da Praia, arrastados na “fôrça do turbilhão popular”, de que nos fala Nabuco — diz Nabuco, também, que

“os chefes deixavam levar-se pelo instinto das multidões que formavam o seu séquito, em vez de guiá-las e de procurar o modo prático de satisfazer, na medida do possível, o mal-estar que elas sentiam sem o saber exprimir” (38)

— é o caso de perguntar-se se há ou não razão em Borges da Fonseca quando repudia a denominação de Praieira dada ao movimento, advogando, em seu lugar, a expressão “Revolução de Novembro”, para frisar que não foi uma revolta feita pela Praia, mas antes de caráter popular, e aceita pela Praia. Declara o “Repúblico”:

“a gloriosa Revolução de 6 de novembro de 1848, revolução pernambucana, e não praieira, como se quer, à fôrça de repetir, inculcar” (39).

E acrescenta mais adiante:

“Foi uma necessidade social, necessidade de organização quem levou os povos à revolução”.

Empregava o “Repúblico” uma ortografia original, criação sua. Por isso é que o Sr. Hélio Viana o considera um dos precursores das tendências reformistas arrevezadas e extravagantes no setor ortográfico que têm surgido em nossos tempos (40).

(38). — *Um Estadista do Império*, tomo I, pág. 75.

(39). — *A Revolução de Novembro*, n.º 4 de 4-9-1852.

(40). — *Contribuição à História da Imprensa Brasileira* (1812-1869), pág. 541.

Não foi somente nesses vultos que vicejou, na velha província, o espírito **quarante-huitard**. Vai manifestar-se êle em vários outros que participaram, de modo mais ou menos intenso, das agitações que culminaram com o levantamento de 48. Em Felipe Lopes Neto, o doutor em direito, que se titulou em Pisa, em vista de sua expulsão, motivada pelo seu temperamento arrebatado e independente, da Faculdade de Olinda. Partidário de Fourier mostra-se, como acentuou Gilberto Freyre, “com idéias avançadas para a época ou para o meio” (41), defendendo no ambiente provinciano dos meados do século passado, as concepções ideológicas do criador dos falanstérios. E’ ainda Gilberto Freyre que, aludindo à sua adesão à revolta praieira, o classifica de “sempre radical”. E no jornalismo um Inácio Bento de Lóiola, outro goianense da Praieira, que no seu **A Voz do Brasil**, pela pregação jacobina, pelo nacionalismo exaltado contribuiu para os motins de 26 e 27 de junho de 1848, prelúdio da revolta da Praia. Escrevia êle no número de 2 de maio de 1848:

“Agora que a França, êsse país clássico da liberdade, êsse berço das ciências, êsse viveiro de heróis acaba de mostrar ao mundo inteiro o clarão de suas luzes fazendo aterrar a tirania em tôda a Europa: agora enfim que ela acaba de proclamar a sua república, o legítimo govêrno dos povos civilizados, fazendo adejar de seu abençoado solo o abutre, que lhe devorava o coração, por meio do patranhoso regime — **de traficâncias**”.

E no n.º de 6 de junho de 1848:

“Não pense alguém que fazemos opposição a S. Exa. (o presidente Padre Vicente Pires da Mota) por êle ter protegido a êste ou aquêle partido político, não; porque nós só nos interessamos por hum partido que é o Republicano Federativo (que não tenha **cheiro de marinho**)”.

E outro jornalista como Afonso de Albuquerque Melo, antepassado do industrial pernambucano Othon Bezerra de Melo, velho lutador republicano e socialista, de uma coerência admirável com as suas idéias e seus princípios, companheiro leal de Borges, nunca o abandonou nos transes difíceis porque passou o líder revolucionário paraibano. Foi, também, fértil em jornais doutrinários e combativos como **A Reforma**, **A Mentira**, **A Verdade**. Ou como João de Barros Falcão de Albuquerque

(41). — Nota 3 à pág. 182 do *Diário Íntimo do Engenheiro Vauthier*.

Maranhão, “o Barros Vulcão”, propagandista republicano com **O Republicano Federativo** e **O Grito da Pátria**. Sem falar no General Abreu e Lima, o “General das Massas”, com a sua atuação no **Diário Novo** e, principalmente, em **A Barca de São Pedro**, jornal de maior conteúdo doutrinário socialista dentre todos de seu tempo, e com o seu livro **O Socialismo**, escrito em 1852, o primeiro sobre êsse tema, publicado no Brasil. E que dizer de seu irmão Luís Inácio Ribeiro Roma, aquêlê que fêz do **Diário Novo** um baluarte contra os “guabirus”, que tão intensamente preparou a opinião pública e que sucumbiu como conseqüência de seu arrôjo e da sua combatividade... E do Capitão Pedro Ivo, figura legendária, imortalizado pelo estro de Álvares de Azevedo e de Castro Alves. Vulto excepcional de condutor de povos, não há necessidade de recurso à imaginação para fazer-se a sua biografia romanceada. Os fatos reais parecem romance — basta observarem-se as peripécias de sua fuga — na vida dêste revolucionário impávido e denodado que lembre um capítulo de Plutarco ou de Carlyle. O seu idealismo, o seu arrôjo, o seu destemor, a sua extraordinária capacidade de estrategista, transformaram-no num herói legendário, como um Guynemer. O **folk-lore** pernambucano está repleto de sua imagem e de sua presença. A fase final de sua luta, a campanha nas matas de Água-Prêta, no vale do Jacuipe, aproximam-se dos feitos intemoratos dos **partizans** e dos **maquis** da última guerra mundial. E que dizer do grande jornalista que sustentou o bom combate, que manteve o facho da rebeldia, quando tudo estava perdido e quando todos tripudiavam em espezinhar os vencidos... Que dizer do Dr. Antônio Vicente do Nascimento Feitosa. Foi êle que aglutinou os destroços da Praia exangue depois da **debacle**. “Os restos da Praia”, declarou Nabuco, “estavam unidos em tôrno de Feitosa” (42). No seu **Macabêo** projeta-se como um gigante a revidar impavidamente os ataques dos vencedores e, ao mesmo tempo, a acentuar o verdadeiro caráter do movimento, integrando-o no ciclo das revoluções européias, destacando-lhe o sentido social. Dêle temos esta afirmativa concludente no n.º 13, de 1849, do referido jornal:

“A questão de Pernambuco é mais social que política”. E no n.º 14 acrescenta: “Estas causas locais que produziram mais próximas e imediatamente a revolta, e que foram postas em jôgo por causas gerais têm um caráter social muito pronunciado e que todavia não exclui a existência de um caráter político”.

(42). — *Obs. cit.*, t. I, pág. 271.

Interpretação arguta e real da gênese da revolta. Todos êles foram herdeiros daquele momento histórico que se manifestou na França em 48 e cujas sementes se projetaram em quase tôda a terra. Herdeiros daquele momento histórico e daquele espírito que André Becheyras tão bem conceituou em frases de rara felicidade:

“Quarante-huitard est un mot qu'on prononce rarement sans s'attendrir. Il évoque des êtres dont on peut sourire, mais que l'on ne peut se refuser à aimer, dont les défauts de l'esprit sont charmants et dont le coeur recélait les trésors de générosité” (43).

Rememoramos nos dias trepidantes e inquietos que vivemos, em nossa época tão contraditória e tão angustiada, em nosso mundo que, plagiando o título de um livro de Martins de Almeida em relação ao Brasil, poderíamos denominar de errado, os vultos daqueles que, neste Nordeste tão esquecido, apresentaram-se como herdeiros e realizadores da mentalidade 48. Mesmo porque estamos vivendo essa mentalidade e êsse espírito em choque com um outro mundo que persiste em continuar vivo. Será que a mensagem de 48, mensagem generosa e fraterna, deixará de ser ouvida e compreendida?! Se ela continua a expressar o nosso modo de falar... E' como diz Jean Cassou:

“Nous parlons le langage de Quarante-huit et non point par routine rhétorique, mais parce que Quarante-huit a vu une réalité, s'est trouvé en face de cette réalité et que cette réalité, massive, obèse, inexpugnable, pèse encore et toujours sur nous” (44).

Na hora atual conforta-nos contemplar, no heroísmo e no sacrifício de suas aspirações libertárias, o exemplo que nos foi legado por todos aquêles que, há mais de um século, pensaram, na sua mente de românticos, e de visionários, impelidos numa aventura que lembra as mais puras e sublimes tentativas de melhorar as condições do homem, aventura embebida no sangue generoso de idealistas, em construir um mundo onde os antagonismos e as diferenças entre os homens fôsem menores, onde o sofrimento e as desditas da vida fôsem minoradas, aquêles mundo antevisto na “primavera dos povos” pelo arrôjo e pela vibração dos eternos **Quarante-huitards**, dos eternos sonhadores de todos os tempos...

AMARO QUINTAS

da Faculdade de Filosofia de Pernambuco. Universidade do Recife.

(43). — *L'Esprit* de 1848, pág. 75.

(44). — *Le Quarante-Huitard*, pág. 14.